

EVOLUÇÃO DO EMPREGO JUVENIL: estudo a partir da RAIS/MTE para o Brasil, Nordeste e Rio Grande do Norte (1989-2004).

Autor: Varélio Gomes dos Santos
Orientador: Prof^o. Dra. Valdênia Apolinário

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar a evolução do emprego formal juvenil no Brasil, no Nordeste e no Rio Grande do Norte no período 1989-2004 utilizando como fonte os dados da Relação Anual de Índices Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Para alcançar este propósito recorreu-se a literatura acerca do emprego formal abordando conceitos e características desse mercado, como também o histórico do mercado de trabalho no Brasil. Como recursos metodológicos utilizou-se como parâmetro os dados da RAIS/TEM. Os resultados apresentam o diagnóstico evolutivo do mercado de trabalho juvenil no Brasil, no Nordeste e no Rio Grande do Norte.

Abstract

Este artigo tem por objetivo apresentar a evolução do emprego formal juvenil no Brasil, no Nordeste e no Rio Grande do Norte no período 1989-2004 utilizando como fonte os dados da Relação Anual de Índices Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Para alcançar este propósito recorreu-se a literatura acerca do emprego formal abordando conceitos e características desse mercado, como também o histórico do mercado de trabalho no Brasil. Como recursos metodológicos utilizou-se como parâmetro os dados da RAIS/TEM. Os resultados apresentam o diagnóstico evolutivo do mercado de trabalho juvenil no Brasil, no Nordeste e no Rio Grande do Norte.

1. Introdução

O baixo crescimento da economia brasileira nos anos 90 somado à reestruturação produtiva e organizacional provocada pela abertura comercial no Brasil dos anos 90 resultou numa desaceleração do nível de oferta de postos de trabalho, desencadeando mudanças expressivas no mercado de trabalho juvenil no país.

De acordo com Pochmann (2000 p.36):

“Durante os anos 90, a PEA juvenil cresceu em 1,3 milhão de pessoas, enquanto o país criou apenas 448 mil vagas para os jovens. Por conta disso, o desemprego atingiu a quase 1,8 milhão de jovens, representando um indicador sem paralelo nos últimos 100 anos”.

Nos anos 90, agrava-se o problema da inserção de jovens no mercado formal de trabalho. Nesta década, o nível de ocupação dos jovens permaneceu praticamente inalterado quando comparado com resultados da década de 80. Em consequência, o desemprego juvenil é um dos principais desafios enfrentados pelo governo.

Os jovens de 16 a 24 anos representam hoje grande parte dos desempregados do país. Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, a taxa de desemprego entre os jovens nessa faixa etária é quase o dobro da taxa de desemprego em geral. Os jovens, homens e mulheres fora do mercado de trabalho, somam cerca de 3,5 milhões ou 45% do total de 7,7 milhões de desempregados em todo o país (MTE, 2004).

Segundo Pochmann (2004a), apesar de 2,7 milhões de jovens terem ingressado no mercado de trabalho na década de 90, o país abriu somente 120 mil novas vagas. Por conta disso, o volume de jovens ocupados em 1999 (16,1 milhões de postos de trabalho) foi quase o mesmo

de 1989, implicando no aumento do desemprego que passou de 1 milhão, em 1989, para 3,6 milhões, em 1999, representando 48% do total do desempregados no país.

Ainda segundo Pochmann (2004b), na década de noventa, o desemprego juvenil (definido como aquele que atinge jovens entre 16 a 24 anos de idade que procuraram emprego e não encontraram) chegou a 18%, contra 8% na década de 80. Logo, o desemprego juvenil é 1,5 vezes superior à taxa de desemprego total. Para o autor, o trabalho juvenil é o mais atingido pelos postos de trabalho precários, aqueles que não oferecem estabilidade, a renda é baixa e a jornada de trabalho é alta. Assim, pode-se afirmar que aos jovens está sendo reservada a parcela mais insegura do mercado de trabalho, na qual as regras de contratação são mais flexíveis.

2. O Desemprego Juvenil no Mundo e no Brasil

Nos últimos anos, o crescimento do desemprego mundial afetou especialmente os jovens. A juventude atual tem que suportar grandes incertezas econômicas e sociais. Em comparação com os adultos, os jovens de hoje entre 15 e 24 anos têm três vezes mais probabilidade de encontrarem-se desempregados que os adultos e, conseqüentemente, o potencial dos jovens não é aproveitado porque não têm acesso a um trabalho decente (SILVA e KASSOUF, 2000).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho - OIT (2003), o número de jovens desempregados aumentou de forma constante entre 1993 e 2003, chegando a 88 milhões de jovens sem emprego. Esta situação aponta que 47% dos jovens encontram-se desempregados. Tais dados são bastante preocupantes, pois os jovens em idade de trabalho no mundo representam 25% do total da população em idade de trabalhar.

Neste sentido, as previsões são de que até 2015, 660 milhões de jovens estarão trabalhando e buscando trabalho, o que representa um aumento de 7,5 % dos jovens que formavam a população ativa em 2003. Durante o decênio que se finaliza em 2015, haverá mais pessoas buscando trabalho pela primeira vez do que nunca antes visto na história recente. Este desafio será especialmente árduo nas regiões com maior crescimento da população ativa, em particular na África, de onde se prevê que haverá mais 30 milhões de jovens, isso representa 28% dos jovens e na Ásia onde o número de jovens aumentará em 21 milhões representando 15%, isto entre 2003 e 2015 (OIT, 2003).

Ainda segundo a OIT apud Pochmann (2004a, p.60), existe hoje mais de 160 milhões de pessoas à procura de emprego no mundo. Os dados ainda revelam que o Brasil ocupa a 99ª posição em relação ao número de desempregados no globo. Isso significa que para cada 100 pessoas economicamente ativas, 10 delas estão à procura de emprego em todo o mundo. Em se tratando do total de desempregados no mundo, quando comparados com os índices de desemprego no Brasil, pode-se dizer que a cada 100 pessoas que procuram emprego no planeta, 5 delas estão em solo brasileiro. Isso significa que 5% dos desempregados do mundo se encontram no Brasil.

No início do século XXI, nos países desenvolvidos, a cada 10 jovens seis, em média, encontram-se em situação de inatividade, enquanto nos anos 70 eram apenas quatro em cada 10 na mesma situação. Dos 20 países com os piores valores no Índice de Desemprego (concentrados principalmente na África), os desempregados correspondem a 24% da PEA, em média. Nas 175ª e 174ª posições, aparecem ainda na África Djibuti e Lesoto. Nesses países, a cada 100 indivíduos economicamente ativos, nada menos que 40 estão desempregados. E, paralelamente, entre as 167ª e 173ª posições, despontam Namíbia, Macedônia, Togo, Guiné-Bissau, Camarões, Argélia e África do Sul. Nesses países, entre 100 pessoas economicamente ativas, não menos de 30 estão desempregadas. (POCHMANN, 2004b).

O quadro 1 apresenta a previsão da distribuição regional mundial da população ativa e o crescimento da população ativa juvenil, ambos no período 2003-2015.

Quadro 1
Distribuição regional e crescimento da população juvenil entre 2003-2015

	População ativa juvenil em 2003 (milhões)	%	População ativa em 2015 (milhões)	%	Taxa de Variação % da População Ativa Juvenil em 2003- 2015 (milhões)	Participação. % 2003-2015
MUNDO	614.255	100	659.669	100	45.414	7
Economias Industrializadas	84.284	14	64.431	10	147	-24
Economias em transição	27.163	4	19.814	3	-7	-27
Ásia Oriental	161.822	26	155.926	24	-6	-4
Ásia Sudoriental	60.979	10	63.662	10	3	4
Ásia Meridional	122.347	20	144.272	22	22	18
América Latina e Caribe	56.986	9	58.772	9	2	3

Fonte: OIT, Tendências mundiales del empleo juvenil, 2003.

O que se percebe é que no período de 2003-2015, segundo a OIT, acontecerá um crescimento moderado da população juvenil ativa mundial de 7%. Esse crescimento é fortemente influenciado pelo aumento da população ativa da Ásia Meridional que crescerá muito acima da média mundial total em termos relativos e absolutos, conforme demonstra o quadro anterior.

Nas economias em transição (economias em desenvolvimento) e na Ásia Oriental a população juvenil diminuirá. Na América Latina e Caribe, o crescimento será menor que 50% da taxa mundial, precisamente 3%.

Assim, o que se verifica é que o crescimento da população juvenil entre 2003-2015 será baixo, com crescimento negativo nas economias industrializadas e àquelas em transição. Por outro lado, na Ásia Meridional, Sudoriental, América Latina e Caribe, o crescimento da população ativa juvenil influenciará fortemente o aumento total da população juvenil mundial.

Esse contexto contrasta com a falta de oportunidade para os jovens no mercado de trabalho formal, que vem se agravando nas últimas décadas em todo o mundo, principalmente em países periféricos, cujas políticas preponderantemente com foco no combate inflacionário por vezes desaceleraram a atividade econômica e provocaram a diminuição da oferta de postos de trabalho.

Diante desse quadro percebe-se que a situação de desemprego, particularmente o juvenil, constitui-se num dos principais desafios do terceiro milênio.

Relembra-se que as três últimas décadas do século XX foram marcadas pelo esgotamento do modelo fordista-keynesiano, de acumulação do capital e pela emergência de um novo padrão de regulação econômica que Harvey (1995) chamou de acumulação flexível. Trata-se de um movimento de reestruturação capitalista que, acirrando a concorrência no âmbito dos processos produtivos, amplia os mecanismos de aumento da produtividade e da intensificação do trabalho, provocando mudanças de ordem política, econômica e social.

É seguindo este cenário que na década de 90, o Brasil caracterizou-se pelo crescimento acelerado das taxas de desemprego e sua manutenção em patamares elevados. Ao mesmo tempo, agravaram-se as condições de trabalho, com expansão de contratos fora dos marcos legais, extensas jornadas de trabalho, modificações na legislação trabalhista, entre outros.

Para Mattoso (1995, p.117):

“A maior insegurança no mercado de trabalho, entendida como a própria insegurança em pertencer ou não ao mercado de trabalho foi favorecida pela ruptura do compromisso keynesiano e, conseqüentemente, pela não priorização do pleno emprego como objetivo de governo. O resultado foi uma sobre-oferta de trabalhadores (observável pela elevação dos patamares do desemprego) e do aumento das desigualdades frente ao desemprego.”

Ainda neste sentido, Apolinário (2002, p. 17) assinala que: “no caso do Brasil dos anos 90, a aplicação de políticas centradas no tripé (inflação baixa, abertura comercial e controle cambial), provocou uma forte inflexão no emprego de mão-de-obra”. O pressuposto das políticas era de que a redução do nível da atividade econômica geraria o equilíbrio externo e evitaria a volta da inflação. Desse modo, o desemprego seria uma espécie de preço inevitável a ser pago em decorrência da globalização e do plano de estabilização.

Ressalta-se que, no que se refere a jovens à procura de emprego, no Brasil, ao final da década de 90, constata-se que a cada 100 desses jovens, quase 20 estavam na situação de desemprego, ao passo que ao término dos anos 80 eram apenas 6 jovens desempregados em cada 100 (POCHMANN, 2000).

Neste sentido, Madeira (1998, p. 97) discorre que:

“Não apenas o desemprego, mas também a forma específica da sua inserção no mercado de trabalho revela marcas da exclusão social a que os jovens estão sendo submetidos. Assim, a preocupação com a questão do desemprego, do fracasso educacional e dos problemas de ajustamento social da juventude surge como questões centrais na pauta de ação de alguns governos nos anos 90.”

Diante do exposto, pode-se considerar que o baixo crescimento econômico somado às políticas públicas não conseguiu vencer o desemprego que cresceu em todas as regiões do país, tornando-se a principal preocupação dos brasileiros. Essa situação é ainda mais crítica quando se trata da inserção de jovens no mercado formal de trabalho que, por motivos diversos são excluídos e impossibilitados de atuar neste mercado.

3. Evolução do Emprego juvenil no Brasil -BR, no Nordeste - NE e no Rio Grande do Norte – RN, entre 1989 e 2004: comparativo segundo os setores, grau de instrução, remuneração e gênero.

Este estudo toma por base os dados do MTE, precisamente a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Enfatiza o emprego formal no Brasil, no Nordeste e no Rio Grande do Norte através da exploração das seguintes variáveis: emprego por setor (BR, NE e RN); emprego no RN e Leste Potiguar¹, segundo: o gênero, a faixa etária, o setor econômico/faixa etária, a escolaridade/faixa etária e a remuneração/faixa etária. Esclarece que o destaque feito à

mesoregião² Leste Potiguar deve-se ao fato desta ser a área no RN de maior concentração populacional e do emprego formal.

Esta pesquisa é de cunho documental. Neste sentido, Gil (1991, p.51), afirma que: “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos desse estudo”. Dessa forma, os dados do MTE referentes ao emprego de jovens entre 16 e 24 anos serão explorados a partir das variáveis já mencionadas.

A opção pelos dados do TEM/RAIS deve-se a sua abrangência (quase 100% dos municípios brasileiros) e a sua cobertura temporal (dados anuais e mensais desde 1985 até o presente), e por ser considerado o “censo do emprego formal” no Brasil.

3.1 Estudo do emprego: BR, NE e RN.

3.1.1 Evolução do emprego no Brasil, segundo os grandes setores: 1989 1999 e 2004.

A tabela 1 e o gráfico 1 apresentam os dados referentes aos empregos formais por setores no Brasil.

Tabela 1
BR: Emprego nos Grandes Setores (1989, 1999 e 2004)

SETOR	1989	%	1999	%	2004	%	TXV (%) ³ (1989/2004)	Part. (%) ⁴
IND	6.615.924	29	5.014.367	20	6.395.084	20	-3	-31
C.CIVIL	1.078.332	5	1.047.891	4	1.118.570	3,6	4	-28
COM	3.165.017	14	3.937.911	16	5.587.263	18	77	29
SERV	11.957.013	52	13.955.693	56	17.001.020	54	42	4
AGROP	385.967	2	1.035.374	4	1.305.639	4,2	238	110
TOTAL	23.204.242	100	24.993.235	100	31.407.576	100	35	

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

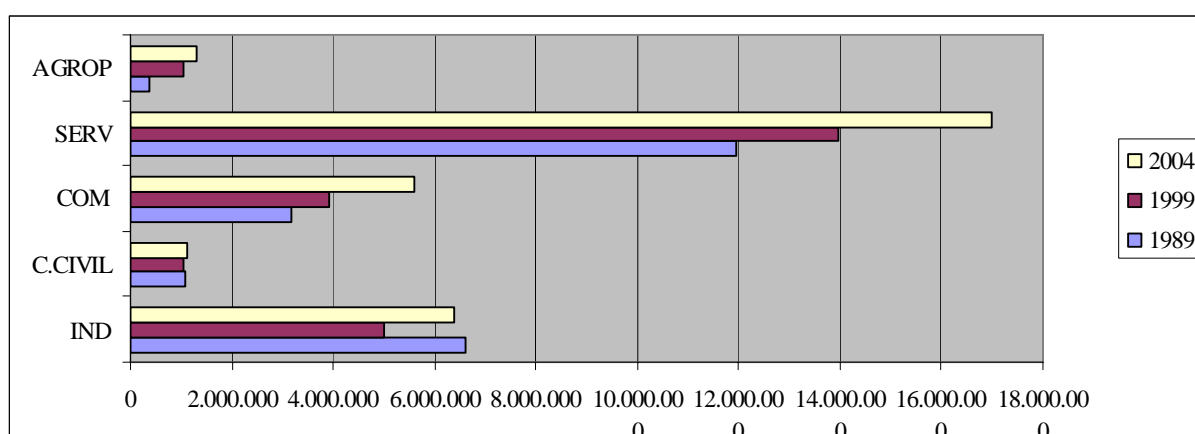


Gráfico 1: BR: Emprego nos Grandes Setores (1989, 1999 e 2004)

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Verifica-se que entre 1989 e 2004 a maior taxa de variação e participação aconteceu no setor da agropecuária, seguido pelo comércio e serviços. O setor industrial foi o único no período

que apresentou uma variação negativa de -3% no número de empregados. Tal queda é melhor percebida considerando-se a participação negativa do setor (-31%) em relação aos demais. No mesmo período, a construção civil também sofreu com perda de participação (-28%). O setor que mais cresceu, em participação no período foi a agropecuária (110%).

No Brasil, entre 1989 e 1999, o crescimento do emprego formal foi de 8% e de 26% entre 1999 e 2004, o que indica que no último subperíodo apresentado houve reação positiva na oferta de postos de trabalho no país.

3.1.2 Evolução do emprego no Nordeste, segundo os grandes setores: 1989 1999 e 2004.

A tabela 2 e o gráfico 2 apresentam os dados referentes aos empregos formais por setores no Nordeste.

Tabela 2
NE: Emprego nos Grandes Setores (1989, 1999 e 2004)

SETOR	1989	%	1999	%	2004	%	TXV % (1989/2004)	Part. %
IND	736.177	21	614.038	15	823.320	15	12	-29
C.CIVIL	175.861	5	196.675	5	209.000	4	19	-20
COM	428.152	12	572.912	14	827.756	15	93	25
SERV	2.189.048	61	2.642.762	63	3.305.689	61	51	0
AGROP	56.330	2	155.133	4	228.965	5	306	100
TOTAL	3.587.557	100	4.183.519	100	5.394.730	100	50	

Fonte: TEM/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

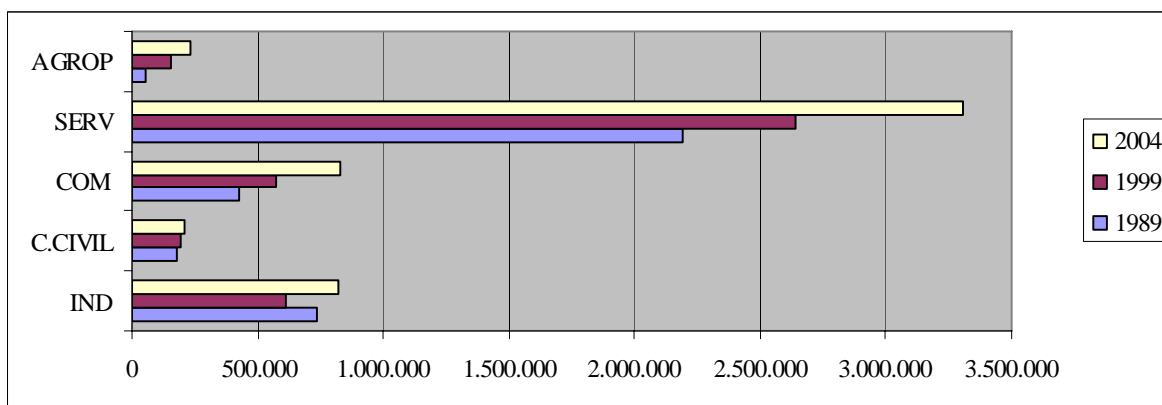


Gráfico 2: NE: Emprego nos Grandes Setores (1989, 1999 e 2004)

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

O resultado apresentado sobre o emprego formal por setor no Nordeste segue a tendência dos resultados em nível de Brasil. Isto porque entre 1989 e 2004 a maior taxa de variação e participação aconteceu no setor da agropecuária (306% e 100%); seguido pelo setor do comércio e serviços. Sendo este último não alterou a sua participação percentual no emprego em relação aos demais setores.

Assinala-se que no Nordeste a indústria teve uma taxa de variação positiva (12%), diferente dos resultados a nível de Brasil que foram negativos (-3%), mas em termos de

participação percentual, a indústria dessa região também apresentou índice negativo (-29%), próximo dos -31% em nível de Brasil no mesmo período.

Observa-se ainda que, entre 1989 e 1999, o crescimento de empregos no NE foi de 17%, contra 8% em termos de Brasil. Por outro lado, no subperíodo 1999/2004 o crescimento do emprego no Nordeste foi de 29%, superior ao crescimento de 17% verificado entre 1989-1999.

3.1.3 Evolução do Emprego no Rio Grande do Norte, segundo os grandes setores: 1989, 1999 e 2004.

A tabela 3 e o gráfico 3 apresentam os dados referentes aos empregos formais por setores no RN.

Tabela 3
RN: Emprego nos Grandes Setores (1989, 1999 e 2004)

SETOR	1989	%	1999	%	2004	%	TXV % (1989/2004)	Part. %
IND	52.286	26	47.493	16	60.087	14	15	-46
C.CIVIL	7.801	4	13.998	5	18.410	4	136	0
COM	23.369	12	37.690	13	61.115	15	162	25
SERV	108.987	54	186.139	62	258.537	61	137	13
AGROP	5.686	3	12.284	4	22.960	6	304	100
TOTAL	200.118	100	299.603	100	421.109	100	110	

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

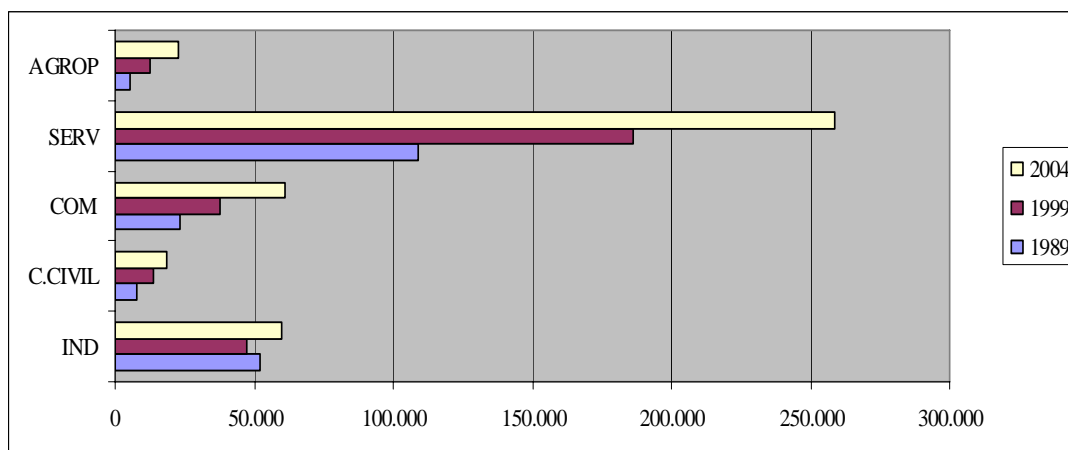


Gráfico 3: RN: Emprego nos Grandes Setores (1989, 1999 e 2004)

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

No RN, a evolução do emprego formal entre 1989 e 2004 também aponta a tendência nacional de maior crescimento, verificado na agropecuária em taxa de variação e participação percentual (304% e 100%), seguido pelo setor do comércio, construção civil e serviços.

Adverte-se que o setor da construção civil registra uma participação percentual negativa no Brasil (-28%) e Nordeste (-20%) no período 1989-2004. Contudo, o Rio Grande do Norte não altera o seu peso no emprego em relação aos demais setores.

Em termos comparativos, o comportamento da indústria no RN no período de 1989 e 2004 é positivo em taxa de variação (15%), sendo este percentual maior que a média do Nordeste (12%) e Brasil (-3%). Porém, o RN apresenta a maior perda de participação da indústria (-46%) em relação aos demais setores, quando o NE foi de (-29%) e BR (-31%).

Em síntese, tem-se que no final da década de 90 o setor de serviços concentra o maior número de empregados, com 61% (RN e NE) e 54% (Brasil), seguido pela indústria e comércio. Em 2004, percebe-se que essa realidade não é alterada. O setor de serviços mantém-se em primeiro lugar, seguido da indústria e comércio no BR, NE e RN.

O que há de novo quanto aos subperíodos de 1989-1999 e 1999-2004 é que no RN, diferentemente do BR e NE, o subperíodo 1999-2004 registra uma recuperação de emprego menor (41%) do que no período anterior: 1989-1999 (50%), o que sugere que no RN o subperíodo 1999-2004 mostra-se mais resistente em termos de geração de emprego. Por outro lado, o RN registra um crescimento do emprego total no período 1989-2004 muito maior (110%) do que no NE (50%) e BR (35%).

3.1.4 Emprego no RN, segundo o gênero: 2000/2004.

Os dados que seguem se concentram ora no RN como um todo, ora no Leste Potiguar. A tabela 4 apresenta os dados referentes ao emprego formal e faixa etária no RN, por gênero.

Tabela 4
RN: emprego por gênero e faixa etária (2000/2004)

RIO GRANDE DO NORTE – 2000						
FX ETÁRIA	MASC	%	FEM	%	TOTAL	%
ATÉ 24	33.142	19	19.741	14	52.883	17
25 ACIMA	137.605	81	124.973	86	262.578	83
T. GERAL	170.747	100%	144.714	100%	315.461	100%
RIO GRANDE DO NORTE – 2004						
FX ETARIA	MASC	%	FEM	%	TOTAL	%
ATÉ 24	43.314	18	27.185	15	70.499	17
25 ACIMA	193.137	82	157.473	85	350.610	83
T. GERAL	236.551	100	184.658	100	421.109	100

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Quanto ao gênero, percebe-se que a participação masculina tanto para jovens com até 24 anos quanto para os indivíduos com mais de 25 é maior que a participação feminina.

Segundo os números do TEM, no período de 2000-2004 a quantidade de jovens com até 24 anos que entrou no mercado passou de 52.883 para 70.499 jovens, com 33% de taxa de variação, enquanto que a população com mais de 25 anos passou de 262.578 para 350.610, entre 2000 e 2004, uma taxa de variação de 34%.

Percebe-se que no período de 2000-2004 aconteceu um aumento na oferta de emprego para pessoas com até 24 anos no mercado formal de trabalho no RN. No entanto, ainda muito incipiente levando-se em conta o grande período de falta de oferta de novos postos de trabalho.

3.1.5 Emprego no RN, segundo os setores: 2000/2004.

A tabela 5 apresenta os dados referentes ao emprego no RN por setores e idade.

Tabela 5
RN: Emprego por setores e faixa etária (2000/2004)

RIO GRANDE DO NORTE – 2000						
FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
INDÚSTRIA	14.215	24	35.654	14	49.869	15
CONSTR CIVIL	2.998	5	11.238	4	14.236	4
COMERCIO	16.100	27	27.730	11	43.830	14
SERVICOS	20.560	34	176.525	67	197.085	61
AGROPECUARIA	6.189	10	11.408	4	17.597	5
SUB TOTAL	60.062	100	262.555	100	322.617	100
RIO GRANDE DO NORTE – 2004						
FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
INDÚSTRIA	13.839	20	46.248	13	60.087	14
CONSTR CIVIL	3.054	4	15.356	4	18.410	4
COMERCIO	19.639	28	41.476	12	61.115	15
SERVICOS	27.031	38	231.506	66	258.537	61
AGROPECUARIA	6.936	10	16.024	5	22.960	6
SUB TOTAL	70.499	100	350.610	100	421.109	100

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Em 2000, o setor que mais empregou jovens de até 24 anos de idade no RN foi o de serviços, com 34%, seguido do comércio com 27% e a indústria com 24%. Em 2004, o setor de serviços continua empregando mais jovens (38%), seguido do comércio (28%) e indústria (20%).

3.1.6 Emprego no RN, segundo a escolaridade: 2000/2004.

A tabela 6 apresenta os dados referentes ao emprego formal no RN por escolaridade e idade no período 2000-2004.

Tabela 6
RN: Emprego por escolaridade e faixa etária (2000/2004)

RIO GRANDE DO NORTE – 2000						
FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
ANALFABETO	843	2	5.910	3	6.753	3
4. SER. COM / INCOMP	4.807	13	29.735	16	34.542	15
8. SER COMP / INCOMP	10.967	29	47.345	25	58.312	26
2. GR. COMP / INCOMP	18.332	48	73.478	39	91.810	40

SUP. COMP / INCOMP	2.947	8	33.202	18	36.149	16
TOTAL	37.896	100	262.578	100	315.461	100

RIO GRANDE DO NORTE – 2004

FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
ANALFABETO	740	1	5.968	2	6.708	2
4. SER. COM / INCOMP	8.392	9	61.041	17	69.433	16
8. SER COMP / INCOMP	14.663	21	67.394	19	82.057	19
2. GR. COMP / INCOMP	40.661	60	172.736	49	213.397	51
SUP. COMP / INCOMP	6.043	9	43.471	12	49.514	12
TOTAL	70.499	100	350.610	100	421.109	100

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Quanto à escolaridade dos jovens de até 24 anos em 2000, verifica-se que aqueles que cursaram até a 4ª série completa somam 13%, até a 8ª série 29%; e com até 2º grau completo: 48%. Apenas 8% possuem nível superior completo ou incompleto. Assim, o maior número de jovens contratados no RN em 2000, segundo a escolaridade, está no ensino médio, seguido de jovens com até a 8ª série.

Em 2004, o total de jovens no mercado de trabalho formal do RN com escolaridade de até a 4ª série, é de 9%; com até a 8ª série: 21%; com ensino médio completo e incompleto, a grande maioria : 60%; e com ensino superior ou cursando: 9% do total.

O fato dos jovens com 2º grau completo somarem 48% em 2000 e 60% em 2004 reforça a tese de que o mercado de trabalho formal exige cada vez trabalho qualificado.

3.1.7 Emprego no RN, segundo a remuneração: 2000/2004.

A tabela 7 apresenta os dados referentes ao emprego no RN por remuneração e faixa etária no período 2000-2004.

Tabela 7

RN: Emprego por remuneração e faixa etária (2000/2004)

RIO GRANDE DO NORTE – 2000											
FX ETÁRIA	ATE 0,50	%	0,51	1,00	%	1,00	%	2,01	%	ACIMA	TOTAL
ATÉ 24 25	382	0,1	5.136	1,6	38.156	12,1	7.333	2	1.690	0,5	52.697
ACIMA	1.979	0,6	21.107	8,7	123.929	39,4	65.164	21	49.450	15,7	261.629
TOTAL	2.361	0,7	26.243	8,3	162.085	51,6	72.497	23	51.140	16,3	314.326
RIO GRANDE DO NORTE – 2004											
FX ETÁRIA	ATE 0,50	%	0,51 A 1,0	%	1,00	%	2,01	%	ACIMA	%	TOTAL
ATÉ 24	562	0,1	7.695	1,8	50.095	11,9	10.465	2,5	2.659	0,6	71.571

25											
ACIMA	854	0,2	27.703	6,6	178.636	42,4	88.895	21,1	52.635	12,4	349.538
TOTAL	1.416	0,3	35.398	8,4	228.731	54,3	99.360	23,6	55.294	13	421.109

Fonte: TEM/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Considerando-se os jovens com até 24 anos, percebe-se que a maior concentração destes em 2000 acontece na faixa entre 1 (um) e 2 (dois) salários de referência (12,1%). De forma geral, somando os jovens com até 24 anos e os demais participantes no mercado formal de trabalho no RN em 2000, a maior concentração fica no intervalo entre 1 (um) e 2 (dois) salários, o que representa aproximadamente 52% dos empregados.

Em 2004, essa concentração em relação à remuneração continua na faixa entre 1 (um) e 2 (dois) salários para pessoas com até 24 anos (11,9%), bem como para os demais participantes do mercado formal de trabalho no RN (42,4%), o que soma aproximadamente 54%.

3.2 Emprego Formal no Leste Potiguar, por: setores, idade, gênero e remuneração (2000/2004).

A apresentação desses dados deve-se ao fato de ser nessa área geográfica (Mesoregião Leste Potiguar) que se encontra a capital potiguar, além desta concentrar 70% dos 421.109 empregados formais existentes no Estado em 2004.

3.2.1 Emprego por setores - Leste Potiguar (2000/2004).

A tabela 8 apresenta dados do emprego por setores na mesoregião Leste Potiguar.

Tabela 8
Leste Potiguar RN: Emprego por setores e faixa etária (2000/2004)

LESTE POTIGUAR – 2000						
FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
INDÚSTRIA	8.491	22	23.124	12	31.615	14
CONSTR CIVIL	1.959	5	8.739	5	10.698	5
COMERCIO	10.263	27	20.039	11	30.302	13
SERVICOS	15.367	41	131.519	69	146.886	65
AGROPECUARIA	1.816	5	6.249	3	8.065	4
TOTAL	37.896	100	189.670	100	227.566	100
LESTE POTIGUAR -2004						
FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
INDÚSTRIA	9.019	18	30.575	12	39.594	13
CONSTR CIVIL	1.829	4	10.497	4	12.326	4
COMERCIO	13.980	29	29.924	12	43.904	15
SERVICOS	21.703	44	168.551	68	190.254	64
AGROPECUARIA	2.555	5	7.248	3	9.803	3
TOTAL	49.086	100	246.795	100	295.881	100

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Em 2000, o maior empregador é o setor de serviço com 65% do total de empregados formais, seguido com 14% pela indústria e 13% pelo setor de comércio.

Em 2004, o maior empregador continua sendo o setor de serviços (64%), seguido pelo comércio (15%) e indústria (13%).

Quanto ao emprego de jovens com até 24 anos em 2000, quem mais empregou na mesoregião do Leste potiguar foi o setor serviço (41%), seguido do comércio (27%) e, em terceiro, a indústria (22%). Em 2004, o maior empregador juvenil continua sendo o setor de serviços (44%), seguido pelo comércio (29%) e indústria (18%).

Assim, em 2004 o setor de serviços continua sendo o maior empregador nesta mesoregião do RN para todas as idades apresentando o mesmo valor percentual verificado em 2000 (64%). Em 2004, os setores de serviço e comércio juntos respondem por 79% do total geral de trabalhadores no mercado formal no Leste Potiguar e por 73% do emprego juvenil.

3.2.2 Emprego por gênero - Leste Potiguar (2000-2004).

A tabela 9 refere-se aos dados por gênero do mercado formal de trabalho na mesoregião Leste Potiguar no período de 2000-2004.

Tabela 9
Leste Potiguar RN: Emprego por gênero e faixa etária (2000/2004)

LESTE POTIGUAR 2000						
FX ETARIA	MASC	%	FEM	%	TOTAL	%
ATÉ 24	23.157	19	14.739	14	37.896	17
25 ACIMA	99.163	81	90.507	86	189.670	83
TOTAL	122.320	100	105.246	100	227.566	100
LESTE POTIGUAR 2004						
FX ETARIA	MASC	%	FEM	%	TOTAL	%
ATÉ 24	28.634	17	20.452	16	49.086	17
25 ACIMA	136.584	83	110.211	84	246.795	83
TOTAL	165.218	100	130.663	100	295.881	100

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Quanto à ocupação por gênero dos jovens com até 24 anos, os dados em 2000 apontam que 19% eram do sexo masculino e 14% do sexo feminino.

Em 2004 esses percentuais se apresentam da seguinte maneira: para jovens do sexo masculino 17% e, para jovens do sexo feminino 16%.

Percebe-se um aumento modesto, entre 2000 e 2004, na participação de jovens do sexo feminino, com até 24 anos no mercado formal de trabalho nessa mesoregião.

3.2.3 Emprego por escolaridade – Leste Potiguar (2000/2004).

A tabela 10 refere-se aos dados por escolaridade dos jovens, no mercado formal de trabalho, na mesoregião Leste Potiguar.

Tabela 10
Leste Potiguar RN: Emprego por escolaridade e faixa etária (2000/2004)

LESTE POTIGUAR – 2000						
FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
ANALFABETO	843	2	5.910	3	6.753	3
4. SER. COM / INCOMP	4.807	13	29.735	16	34.542	15
8. SER COMP / INCOMP	10.967	29	47.345	25	58.312	26
2. GR. COMP / INCOMP	18.332	48	73.478	39	91.810	40
SUP. COMP / INCOMP	2.947	8	33.202	18	36.149	16
TOTAL	37.896	100	189.670	100	227.566	100
LESTE POTIGUAR – 2004						
FX ETARIA	ATÉ 24 ANOS	%	25 ACIMA	%	TOTAL	%
ANALFABETO	441	1	3.074	1	3.515	1
4. SER. COM / INCOMP	4.818	9	37.028	16	41.846	15
8. SER COMP / INCOMP	10.796	21	41.054	18	51.850	18
2. GR. COMP / INCOMP	31.384	60	121.820	53	153.204	54
SUP. COMP / INCOMP	4.746	9	27.276	12	32.022	11
TOTAL	49.058	100	246.795	100	295.881	100

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Quanto à escolaridade verifica-se que a maior incidência em 2000 está no ensino médio, 48%, seguido de jovens com até a 8ª série, 29% e 8% no ensino superior. Jovens com até a 4ª série representam 13% do total.

Os dados de 2004 sobre a escolaridade dos jovens com até 24 anos na mesoregião Leste Potiguar é o seguinte: o índice de analfabetos não chega a 1%, jovens com até a 4ª série representam 9% do total, com até a 8ª série, 21%, no ensino médio onde se concentra o maior número de jovens no mercado, 60% e no ensino superior, 9%. Assim, no tocante à escolaridade, a maior concentração de jovens está no 2º grau. O ensino superior aparece com um leve aumento no período.

Fica claro que o mercado de trabalho entre 2000-2004 passou a contratar jovens com níveis de escolaridade mais elevados.

3.2.4 Emprego por renda – Leste Potiguar (2000/2004)

A tabela 11 refere-se aos dados por remuneração no mercado formal de trabalho na mesoregião Leste Potiguar.

Tabela 11
Leste Potiguar RN: Emprego por remuneração e faixa etária (2000/2004)

LESTE POTIGUAR – 2000											
FX ETARIA	ATE 0,50	%	0,51 1,0	%	1,00 2,00	%	2,01 4,00	%	ACIMA 4,00	%	TOTAL
ATE 24 ANOS	250	0,1	2.773	1,2	27.089	11,9	6.184	2,7	1.449	0,6	37.745
25 ACIMA	284	0,1	7.396	3,3	86.144	38	52.651	23	42.590	19	189.065
TOTAL	534	0,2	10.169	4,5	113.233	49,9	58.835	26	44.039	19,6	226.810
LESTE POTIGUAR – 2004											
FX ETARIA	ATE 0,50	%	0,51 1,0	%	1,00 2,00	%	2,01 4,00	%	ACIMA 4,00	%	TOTAL
ATÉ 24 ANOS	323	0,1	4.066	1,3	34.528	11,6	8.958	3,0	1.146	0,4	49.086
25 ACIMA	444	0,1	10.705	3,6	118.714	40,1	70.841	23,9	45.543	15,4	246.790
TOTAL	767	0,2	14.771	4,9	153.246	51,7	79.800	26,9	46.689	15,8	295.881

Fonte: MTE/RAIS, 2005. Extraído de SANTOS (2005).

Em 2000, a maior concentração de remuneração da população no mercado formal de trabalho, inclusive de jovens com até 24 anos no Leste Potiguar, concentra-se entre 1 a 2 salários mínimos (49,9%). Em 2004, esta concentração continua na faixa entre 1 a 2 salários mínimos (51,7%).

4. Considerações finais

Este artigo realiza inicialmente uma revisão bibliográfica sobre o mercado de trabalho, visando compreender e contextualizar a problemática que permeia a discussão sobre o emprego e o desemprego no Mundo, no Brasil e no RN.

Complementarmente, num segundo momento são explorados os dados do MTE/RAIS para identificar a evolução do emprego formal no Brasil com destaque aos números relacionados ao emprego de jovens, foco desse estudo.

Destaca-se que entre 1989 e 2004 aconteceu um baixo crescimento da oferta de emprego no país. Nesse período, a indústria registrou as maiores perdas em número de empregados no BR, NE e RN e o setor que mais cresceu foi o setor da agropecuária. Contudo, para todos os subperíodos analisados o setor de serviços continua sendo o maior empregador, seguido do comércio e da indústria.

No Rio Grande do Norte percebe-se que no subperíodo de 2000-2004 ocorreu um aumento no número de empregados com até 24 anos. Contudo, ainda muito incipiente levando-se em conta o grande período de insuficiente oferta de novos postos de trabalho.

Os dados também reforçam a tese de que o mercado de trabalho no RN exige cada vez mais trabalho qualificado. Em contrapartida, apesar dos jovens registrarem uma escolaridade mais elevada em termos relativos, a remuneração média destes, assim como para os que possuem

idade acima de 25 anos se concentra em níveis bastante baixos, precisamente entre 1 (um) e 2 (dois) salários mínimos.

Avalia-se por fim que a gradual diminuição da oferta de postos de trabalho e a precarização do mercado de trabalho a partir da década de 90 mostra-se mais grave para os jovens entre 16 e 24 anos.

NOTAS:

1. O estado do RN está dividido em quatro mesoregiões segundo o IBGE, a saber: Agreste Potiguar; Oeste Potiguar; Centro Potiguar e Leste Potiguar. Nesta última, situa-se a capital, Natal e cidades circunvizinhas; Macaíba, Parnamirim, Extremoz, Ceará Mirim e São Gonçalo do Amarante, que juntas conformam a Região Metropolitana e concentram cerca de 90% de emprego na indústria de transformação do RN nos anos 90. (APOLINÁRIO, 2002).

2. Entende-se por mesoregião uma área individualizada em uma unidade da federação, que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante e a rede de comunicação e de lugares, como elemento de articulação espacial (IBGE, 2005).

3. A taxa de variação percentual (TXV %) é encontrada a partir da seguinte fórmula: $\{(2004 / 1989) - 1\} \times 100$. Através dessa fórmula é possível identificar crescimento ou decréscimo de postos de trabalho entre os dois períodos.

4. A participação percentual (part. %) é encontrada a partir da relação entre os valores percentuais dos setores e, tem como objetivo identificar qual setor cresceu mais em detrimento dos outros, ou qual setor perdeu mais postos de trabalho, relativamente. É encontrado a partir da seguinte fórmula $\{(\% 2004 / \% 1989 \times 100) - 100\}$.

5. Referências

APOLINÁRIO, Valdênia., 2002., **Reespacialização Industrial, Emprego e Práticas Trabalhistas e Ambientais: O Caso da Vicunha Têxtil S/A** - Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ/APIT. (Tese de Doutorado, 2002).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo ; Atlas, 2002.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

OIT, ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Tendencias Mundiales Del Empleo Juvenil**, 2003.

MADEIRA, Felícia e RODRIGUES, Eliana Monteiro. **“Recado dos jovens: mais qualificação.”** In: Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD, 1998.

MATTOSO, Jorge. **A Desordem do Trabalho** – São Paulo: Editora Página Aberta, 1995.

MTE, Registros Administrativos, RAIS. Brasília, 1989, 1999, 2000 e 2002 e 2004.

POCHMANN, Márcio. **A Exclusão Social no Mundo** – São Paulo: Cortez, 2004a.

_____. **Atlas da exclusão social no Brasil** – São Paulo: Cortez, 2004b.

_____. **A batalha do 1º emprego** – São Paulo: Publisher, 2000.

SANTOS, Varélio Gomes. **O EMPREGO JUVENIL NO LIMAR DO SÉCULO XXI: Estudo a partir da RAIS e dos programas de inserção de jovens no mercado de trabalho de Natal/RN** – Natal: PPGECO/UFRN. (Dissertação de Mestrado, 2005).

SILVA, Nancy de Deus Vieira e KASSOUF, Ana Lúcia. **A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro**. Disponível In: www.cepea.esalq.usp.br acessado em 10/07/2005.

